

**AMOR, MENTIRAS
& ROCK & ROLL**

Também de David Yoon

Frank e o amor

DAVID YOON

**AMOR, MENTIRAS
E ROCK & ROLL**

Tradução
LÍGIA AZEVEDO

SÉQUINTE

O selo jovem da Companhia das Letras

Copyright © 2020 by Alloy Entertainment, LLC e David Yoon
Produzido por Alloy Entertainment, LLC.



O selo Seguinte pertence à Editora Schwarcz S.A.

Grafia atualizada segundo o Acordo Ortográfico da Língua Portuguesa de 1990, que entrou em vigor no Brasil em 2009.

TÍTULO ORIGINAL Super Fake Love Song

CAPA E ILUSTRAÇÃO Ing Lee

PREPARAÇÃO Sofia Soter

REVISÃO Jasceline Honorato e Renato Potenza Rodrigues

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)

Yoon, David

Amor, mentiras e rock & roll / David Yoon; tradução
Lígia Azevedo. — 1ª ed. — São Paulo : Seguinte, 2021.

Título original: Super Fake Love Song.
ISBN 978-85-5534-167-0

1. Ficção norte-americana I. Título

21-74005

CDD-813

Índice para catálogo sistemático:

1. Ficção norte-americana 813

Cibele Maria Dias — Bibliotecária — CRB-8/9427

[2021]

Todos os direitos desta edição reservados à

EDITORA SCHWARCZ S.A.

Rua Bandeira Paulista, 702, cj. 32

04532-002 — São Paulo — SP

Telefone: (11) 3707-3500

www.seguinte.com.br

contato@seguinte.com.br

*Para os nerds
e todo mundo que tenta ser fiel a si mesmo,
mas principalmente para os nerds*



sumário

origem 13

I

raio 19
farsa 30
imortais 40
pesquisa 52
mamba 53
solução 65

II

acertando 77
futebol 84
sool 92
molho 99
vergonha 109
criminoso 128
originais 136
amuletos 145
coragem 159

bléim 168
prometo 180

III

mata-borrão 197
detonando 217
us\$ 3000 227
féixta 235
sílvides 253
90% 255
patéticos 266
eucaliptos 273
prontos 280

IV

sunset 289
nerds 299
dó 306
legal 313
coldplay 323
acredite 329
beautiful 341

V

fim 351

Exibição é o que o tolo vê como glória.

Bruce Lee

Quando se encontra o falso, encontra-se o verdadeiro.

Gary Gygax



Qual a coisa mais constrangedora que você já fez por amor?

Uma vez, uma menina mandou flores para si mesma em nome de um admirador secreto para chamar a atenção de um menino, só que acabou sendo descoberta, porque a dona da floricultura era mãe de um amigo dele.

Uma vez, um menino bateu no carro de outro procurando uma desculpa para puxar papo, só que os dois acabaram no hospital e o que causou a batida foi acusado de negligência dolosa.

Uma vez, uma aluna nova fingiu que tinha sotaque francês para chamar a atenção de outra que era louca pela França, só que foi desmascarada com a chegada de um aluno francês de verdade.

Uma vez, um menino fingiu que era vocalista de uma banda de rock porque queria impressionar uma menina, só que...



origem

Todo super-herói tem uma origem. Todo vilão tem uma origem.

Todo nerd tem uma origem.

Sabia disso?

Eu tenho a minha.

Minha sentença oficial saiu no ensino fundamental. Um momento específico me definiu claramente como nerd. Congelou minha nerdice em carbonita, como se fosse o Han Solo.

Eu tinha treze anos. Minha família havia acabado de se mudar do pequeno, humilde e provinciano bairro de Arroyo Plato para o imponente e grandioso Rancho Ruby.

Na saída da aula de matemática, encontrei meu armário entreaberto, sem o cadeado. Tínhamos armários no ensino fundamental — eu sentia falta dos ganchos para pendurar a mochila na escola antiga e da fé implícita na bondade humana. Na prateleira de cima do meu armário, ficava meu bonequinho paladino, porque assim eu podia vê-lo nos intervalos.

Um paladino é um guerreiro abençoado com o poder da magia divina.

Eu tinha moldado o boneco com minhas próprias mãos, a partir de um bloquinho de gesso. Depois, pintei e borrifei uma camada de verniz para proteger de arranhões.

A espada. O escudo. O selo. As esporas.

Aquele era o único bonequinho paladino que eu tinha. Ainda não sabia fazer moldes, galvanizar, usar o aerógrafo ou qualquer outra das técnicas que aprenderia mais tarde.

Naquele dia, abri o armário e descobri que o bonequinho havia desaparecido. No lugar dele, estava uma linha de giz branco apontando para baixo. Um rabisco dizia:

POR AQUI, SUNNY DAE

Eu conhecia aquela caligrafia desajeitada. Desconfiava de que pertencesse a Gunner Schwinghammer, que já havia nascido grande e impressionava os adultos com sua habilidade sobrenatural de receber uma bola de futebol americano e correr com ela feito um aluno do ensino médio. Nunca tive mais que dois amigos — Milo e Jamal —, mas Gunner fazia coleção.

Enquanto eu seguia a linha, passando pelos chafarizes e pelo pátio do lado de fora, notei que ele reparava em mim, os olhos brilhando.

Ignorei. Gunner pesava vinte e cinco mil quilos, e eu pesava três. Gunner era a própria realeza, e eu era um servo com as botas sujas de lama fedorenta.

Naquele momento, só me restava torcer para que o bonequinho ainda tivesse conserto.

Continuei seguindo a linha de giz que pulava rachaduras, descia o meio-fio e adentrava o fedor escuro e fresco do estacionamento.

QUASE CHEGANDO, SEU TAPADO

Até onde ia a porcaria daquela linha?

Até o último carro, então entrava no vermelho cor de borracha

do campo de beisebol. Descia três degraus e virava para a sombra do banco reserva.

Indiferente, o sol se ocupava de brilhar no orvalho em mais uma linda manhã, carregada do aroma da grama recém-cortada — que na verdade era causado por uma reação química que as pobres folhinhas mutiladas emitiam no esforço angustiado para se reconstituir.

A linha finalmente terminava na escuridão perpétua embaixo da arquibancada.

EIS SEU PRÊMIO
SEU NERD IDIOTA

O que vi foi pior que todos os olhares e cochichos. O que vi foi pior do que tudo o que Gunner ainda faria contra mim: xingamentos constantes, bandejas de comida jogadas no chão do refeitório, encontrões no corredor. Tudo o que me acompanharia por todo o ensino fundamental até o território do ensino médio, do outro lado do pátio.

O que vi foi o primeiro aviso.

O paladino Gray tinha sido reduzido a um toco, porque foi usado para traçar a linha que me levou até ali.

Este, a linha anunciava, é o fim da sua infância.

Naquele dia, eu compreendi.

Compreendi que ali, em Rancho Ruby, nenhuma parte do meu ser de treze anos estaria à altura do esperado. Compreendi que, dali em diante, cada dia seria um novo dia, da pior maneira possível: cada dia seria um novo desafio, e eu provavelmente fracassaria em todos.

Não podia chorar — não tinha mais nenhum lugar seguro —, então enfiei o calcanhar no chão de terra avermelhada até abrir um

buraco, joguei o que restava do bonequinho ali e depois cobri. Bati o pé três vezes, para não deixar marcas.

Voltei para o sol, para desbravar o novo reino que se estendia à minha frente.

|

O polvo mímico é capaz de alterar sua forma e sua cor.
Transforma-se em algo diferente diante do pavor.